

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »
redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

PROPRIETÁRIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal 60 rs. cada linha
Anuncios e communicados 50 » » »
Repetições 25 » » »
Anuncios permanentes, contracto especial.
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

MEDIDAS REPRODUCTORAS

O paiz reclama reformas d'alcançe, mas de effeito rapido não ha quem as invente. Era frequente ouvir-se—*Tão bons são uns como os outros—todos lançam impostos e criam empregos*—.

O plano dos regeneradores, do seu fallecido chefe, o sr. Fontes, tinha dois períodos—no 1.º era inevitavel crear fontes de receita, levantar o paiz do seu abatimento, habilitar-o para a vida economica moderna, e sobretudo melhorar a circulação, que era morosa e difficil—no 2.º o maior rendimento das forças productivas, que d'ahi resultaria, esperava elle, que a pouco e pouco compensassem os sacrificios, e satisfizessem aos novos encargos.

O sr. Fontes podia ter exagerado o seu plano, mas não se enganou nos effeitos—prova-o o facto de os antigos impostos, sómente em quatro annos, desde 86 a 90, terem rendido mais 2:300 contos que nos anteriores.

Esse facto, como se sabe, diznos, que cresceu a materia collectavel, e portanto a riqueza geral.

A ideia, porém, de moderar o progresso, o fomento, apresentava-se como razoavel, e prudente, comprazia a muitos a—opinião andava perplexa entre os arrojos do illustre homem d'estado, e os dispndios a que forçava a nação pobre, e abatida.

A acção intensa do sr. Fontes animou sem duvida a vida nacional, mas uma parte da nossa prosperidade era aparente, ou devida a capitaes extranhos vindos da nossa colonia do Brazil, e dos emprestimos successivos os encargos iam subindo, e se não correspondiam a essa riqueza, que não dependia só de nós, muito menos estavam em relação com os nossos recursos proprios.

Portanto desde que o Brazil deixasse de verter sobre nós a sua cornocopia d'ouro, e não podessemos recorrer ao credito estrangeiro, uma crise monetaria e economica era inevitavel—principalmente sendo certo, que os productos importados excedem a exportação em 20, 30 mil contos.

E' essa crise, que ainda hoje padecemos, aggravada pelos governos subsequentes.

Precisamos principalmente, alem de uma economia severa, d'um largo desenvolvimento agricola, do qual nos occuparemos com preferencia.

Uma das grandes medidas reproductoras seria fornecer aos lavradores a agua das irrigações; correm as veias para o oceano, e deixam atraz de si as terras, que podiam fertilisar—Em 1870 apresentamos este projecto á Associação Real d'Agricultura, onde foi bem accete, e adoptado no seu relatorio sobre o modo de augmentar a nossa principal fonte de riqueza.

Tambem nos felicitamos de ser os primeiros a lembrar ao gover-

no nos jornaes, e em carta ao sr. Elvino de Brito, a criação do *ensino agricola ambulante*, que tomou o nome de eschololas moveis.

Outro assumpto da maior importancia é a fundação do credito rural—o qual podia ser da iniciativa das camaras municipaes—e bem merecera da sua localidade aquella, que o instituisse.

A libertação das propriedades hypothecadas, obstando ao sorvedouro das execuções judicarias, e augmento do capital de grangeio, em geral assaz diminuto, são as vantagens do credito agricola bem instituido, isto é, segundo as formas, que indicaremos—e já ha muito em vigor na Allemanha.

Os terrenos incultos do paiz porque não se distribuem ou se não aforam?

«Os d'África» porque só entram nas enormes concessões, em que os estrangeiros figuram?

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

A VOLTA DOS "IRMÃOS UNIDOS,"

A «irmã» colloca a Camara no Calvario por ter cedido terreno para um jazigo no cemiterio, pela taxa fixada, ha muitos annos.

Não está mal a Camara, porque no Calvario tambem expirou Jesus no meio de dois ladrões, e para ahi foi levado pelos malsins.

A «irmã» é que nunca chegou ao Calvario, porque ficou amarrada ao pelourinho da ignominia pelos obscuros casos do *matto, estradas, terrenos da fabrica e troca de palheiros*.

Estão interessantes os «irmãos».

No mesmo dia dizem cada um pela sua bocca «ha n'este concelho um grupo genuinamente progressista, que se conserva firme no seu posto.» «Estão explicados o caso do matto e os supostos favores feitos á *Varina*». Houve de certo typo graphico em chamar grupo, pois devia ser *partidão*, como se verificou pelas ultimas eleições, e se vê hoje, e se verá brevemente.

Esse engano é indesculpavel; mais cautella para o futuro.

A explicação do *matto* tambem é satisfatoria. O homem embuchou, mas só pela phisionomia tudo ficou explicado.

Lembra-nos o caso dos dois unicos homens honrados, que havia u'uma certa terra, e que um perguntava ao outro quem era o primeiro, para elle depois dizer quem era o segundo.

Estás a vêr...

A «irmã» está regenerada, porque no seu ultimo numero só prega *moralidade*, e com ella fecha o artigo do fundo; a seguir é o cumulo da dita, e só *respinga e debica* a mesma.

Se continuar assim é dentro em pouco elevada a *soror* e depois a *madre*.

E acreditamos n'esta regeneração, porque tambem reconhece o seu passado peccador entoando o *poenitet me peccati*, quando respinga que «essa Corporação (a Camara) por via de regra costuma ser confiada a pessoas de honestidade inconcussa, e sobre quem o passado não auctorisa a fazer juizos temerarios»

Isto é verdade, mas errar é proprio do genero huamano, e a irmã bem sabe que illudia muita gente boa.

Mas se o céu fosse dor arrependidos...

Tem graça. O «irmão» armou em paladino dos pescadores, a quem chama desgraçados, porque só recebem o que lhes querem dar, sendo a vida da pesca só folgada para os capitalistas.

Estes capitalistas provavelmente são os senhorios das companhias.

A isto é que se chama disfaratez e atrevimento, porque o «irmão» sabe muito bem que as trez companhias, que hoje existem, são muito antigas, não tendo nunca falta de pessoal, porque se lhe paga o contractado; ao passo que n'outro tempo houve companhia, que terminou por não ter gente para trabalhar, pelas *boas contas* que se lhe fazia.

E então os pescadores não eram desgraçados?!

Os irmãos não levaram a bem a mudança das auctoridades administrativas no concelho, manifestando ambos o seu desagrado, cada um pela sua forma.

No que porém ambos estão de accordo, é em que sempre estiveram e estão firmes no seu posto politico e em que nunca esmolaram empregos e favores.

Estes «irmãosinhos» não querem olhar para o passado e não se querem lembrar *ambos* de factos, que não são antigos, e por isso faltam sempre á verdade ou melhor mentem, sem vantagem alguma, porque toda a gente os conhece.

Ainda a proposito da celebre *carta de despedida*, temos a acrescentar que se nos restasse alguma duvida sobre a sua authenticidade, deixaria ella agora de existir perante a ingenua confissão da *irmã unida*.

Rica *irmãsinha*, quem confessa pela bocca, morre pelo pescoço.

E a respeito de se tornar bem publica, pela imprensa, essa com promettedora missiva, nós é que aconselhamos a «Discussão» a que obtenha o respectivo original, porque, segundo a sua doutrina de paz e concordia *intra muros* do seu partido, deve-lhe ser muito facil conseguil-o. Só assim ficará satisfeita a curiosidade da *irmã* e posta no são tão interessante questão. *Ora and'antão...*

O snr. Patarata, que bem pata-

rata é, principia o seu «Debican-do»—aranzel totalmente destituído de bom senso—dizendo que prosegue nos seus debiques ao «Jornal d'Ovar» se tiver por onde lhe pegue...

Ora se nós não desconfiassemos, ou não tivessesamos quasi a certeza de que o auctor dos *debiques* é algum marmajão d'alta escola, já callejado e duro, convidavamos-o a uma experiencia, que havia de pôr-lhe a claro as suas duvidas.

Não deixaremos, todavia, de lhe aconselhar mais prudencia e boa educação nos seus escriptos, que muito bem podem ser dispa-

rates, mas que não devem ultrapassar os limites da decencia.

E depois já se vê que um *homem não é de pau* e tem de responder mais por aqui ou mais por alli...

Boletim Elegante

Fazem annos amanhã:
O snr. Antonio Duarte Pereira do Amaral, filho do snr. Dr. José Duarte Pereira do Amaral.
e a ex.^{ma} snr.^a.
D. Alcinda Camêllo

LITTERATURA

Oh! Que bom se eu morresse

Oh! que bom se eu morresse amanhã!
Que feliz, oh meu Deus, que eu seria!
Do papá, da mamã, dos maninhos,
D'elles todos um pranto eu teria.

Do amigo sincero eu teria
Ternos beijos, na fronte já fria;
Uma lagrima vertida em saudade,
Do cruento soffrer da agonia.

Oh! Que bom se eu morresse amanhã!
Morreria commigo este amor
Malfadado, infeliz, esta chamma
Que meu peito crestou de amargor.

Amorosa mamã em soluços,
A gemer e finir-se em saudade;
E da amiga extremosa eu teria
Uma prece de sua amizade.

Eu teria a maninha afflictiva
Minha morte a carpir e a chorar;
E no meu ataúde sombrio
Desgrenhada o meu corpo abraçar.

Oh! Que bom se eu morresse amanhã!
Eu teria da amante... mas não,
D'ella só, ainda morto, eu teria
Negro riso de ingratição.

Minha Palmyra adorada, perdoa,
Tu me amas, querida, eu sei bem;
Se eu morresse amanhã, tu commigo
A chorar morrerias tambem.

MORÊNA!

Morêna! O teu desdem fere e condemna
Este meu pobre e triste coração;
Eu que vivia alegre, vivo em pena,
Porque só penas teus desdens me dão...

Nunca eu concebêsse uma illusão,
Uma esperanza de amor na luz serena
D'esses teus olhos, lindos como são
As estrellas do céu, doce morêna!...

Mas tu, que Deus encheu de immensas graças;
E deu a gentileza das Princezas,
Não queiras ser a fonte das desgraças...

Tu que és bella e piedosa, tu que tens
A mais pura das almas portuguezas,
Não me queiras matar com teus desdens!...

Oliveira Passos.

e no dia 30.
a menina Aurora, filha do sr.
José Maria Gomes Pinto.

Estiveram na ultima terça-feira,
n'esta villa, os Snrs. Eugenio Fer-
reira da Encarnação, contador em
Vagos, e Manoel dos Santos Vi-
ctor, escrivão de fazenda addido á
repartição de fazenda d'aquelle
concelho.

A Visão dos Tempos e as Modernas Ideias na Lit- teratura portugueza.

IV

Na estancia 4.^a do canto dedi-
cado aos poetas da maior dôr hu-
mana «O Oriente na apathia mor-
ral, que a dôr imprime, submisso
á dôr, cahiu d'inerte, e acceitou a
morte como se fosse um bem, mas
a raça eleita do Occidente (uma
só? qual?, ou todas?) reagiu contra
a morte, a lei bruta, cega, e ab-
surda da materia, surpreendendo
pela sciencia as leis da natureza,
em que funda a intrépida defeza».

Então as leis da natureza, que
a raça eleita surpreendeu, op-
põem-se ás leis da materia?

Como é, que a morte inevita-
vel, relacionada com toda a or-
dem natural, se torna uma lei
bruta, cega, e absurda para o sr.
Theophilo? para um materialista,
que como tal não reconhece enti-
dades, e muito menos antinomicas,
ou, para um sectario de Comte,
ou do relativismo, que só vê, e só
indaga as relações entre os phe-
nomenos, e pretende ligal-os n'uma
synthese geral?

A esta philosophia, como se lê
no proemio, corresponde a nova
phrase da arte, que o sr. Theo-
philo iniciou, e não sei como jul-

ga haver na materia uma lei bruta,
cega, e absurda, que tolhe a
synthese, a que os relativistas aspi-
ram; aqui as duas *syntheses* de
que nos falla, a poetica e a philo-
sophica, estão em conflicto, o que
lastimo por causa da *missão sy-
nthetic-social* do grande épico.
(Ideas Mod.)

O absurdo creio que está antes
no seu estro, e não na natureza.

A crença na intervenção divi-
na, constante, na vida humana, o
terror dos *mysterios sombrios*, que
o sr. Theophilo *compreendeu na
mudez da insensibilidade*, o culto
na India de *Seiva*, o agente da
morte universal, ou transformador,
e que é a terceira pessoa da tri-
nidade brahmanica, a doutrina de
Budôha, que se derramou por qua-
si toda a Asia, e consiste na re-
nuncia a todos os interesses, gos-
sos, e paixões do mundo, afim de
evitar o renascimento expiatorio,
e obter depois da morte a absor-
pção immediata na substancia eter-
na, podiam abater a energia mor-
ral dos orientaes, mas não cahiram
d'inertes, todos foram mais
ou menos activos, e alguns em al-
to grau.

Deixemos esta questão, e re-
paremos no verso.

Qual cai o braço, que acovarda um crime
Qual cai, qu'acól!

E como é que a raça eleita rea-
giu contra a lei da morte?
Que leis foram essas que sur-
preendeu?

Em que busca outra defeza
Outra, qual? não nos disse qual
foi a primeira.
Em que funda a intrépida de-
feza - Frases á tôa.

Estancia 5.^a

Ah! mas como vencer a lei da morte?
Anciosa a mente humana não descansa
D'esta tragica lida!
Não ha Religião que não conforte

Com os sonhos da bemaventurança,
Com esperanças d'uma outra vida!
E ao triste que succumbe, e ao que suspira
Na illusão pavorosa em que delira.
Embalá-os phantastica mentira.

Apesar da raça eleita reagir
contra a lei absurda surprehen-
dendo as leis da natureza, apesar
da intrépida defeza que fundou,
pouco conseguiu, por isso que o
sr. Theophilo na estancia seguinte
ainda pergunta:

Mas como vencer a lei da mor-
te?

Temos aqui dois tristes emba-
lados na *phantastica* mentira, e
não saber porque um d'elles sus-
pira, e delira na pavorosa illusão—
Está ou não embalado?

6.^a

—Espírito immortal! Pelas Eschelas
Proclamam-te os philosophos austeros,
Do ser pondo patentes os dominios!
E nas miragens tolas,
Na amoroso ficção de Psyche e Eros,
Entretecem os vagos raciocinios,
Dando ao homem privilegiada palma,
A elle - a immortalidade d'alma—
Com que o horror da destruição acalma!

Os philosophos austeros que
proclamam o espirito immortal pa-
tenteando os *dominios do ser*, e a
entretecerem com as miragens
tolas os vagos raciocinios, e este
verso de uma construcção escan-
dalosa.

«A elle—a immortalidade d'al-
ma», dispensam commentos.—
Que versos!

7.^a

A Morte, a Morte! Estaca a dôr e a sciencia
Ante esta opaca e sólida fronteira.
Deixando o atroz problema!
Não succumbiu na lucta a consciencia:
Ella achou maneira
De condensar dos seculos no poema
A tradição ideal, emoção viva,
Que prolonga a existencia subjectiva,
E torna real a esperança fugitiva.

Aqui a dôr, e até a sciencia
(que forneceu a intrépida defeza)
estacam ante a Morte, esta opaca
fronteira—mas a consciencia não
succumbiu na lucta, e condensan-
do no poema dos seculos a tradi-
ção ideal, (*sonhos, phantasticas
mentiras, e as miragens tolas*) tor-
nou real a esperança fugitiva, o
que não pôde a sciencia estacada
ante a fronteira opaca.—Mas como
a tornou real? Ora a consciencia!

8.^a

Estes queridos, mallogrados filhos.
Mortos, quando irrompiam alegrias
Da descuidada infancia;
Dos vossos olhos fulgiram os brilhos,—
E essa casta fragrança,
Que aureolára da vida os breves dias
Da jucunda, incipiente mocidade,
Acham na voz dos Poetas a piedade,
Que vos torna immortaes na Humanidade.

A casta fragrança, que au-
reolava os breves dias dos entes
queridos *achou piedade* na voz
dos poetas, *que os torna immor-
taes*—A fragrança a achar pieda-
de?

Ora vejam, o atroz problema
tinha a solução tão perto e tão fa-
cil! Ninguém o esperava.

Até lhes hão de fulgir os bri-
lhos dos olhos!

Maravilhosa voz dos poetas!
Apiedaram-se estes da fragran-
ça, que aureolava os breves dias

rio monstro, continuava a sua
obra de exterminio, envolvendo
os pobres naufragos em serras
brancas de espuma.

Com o fim de socorrer esses
desgraçados, havia já sahido um
barco que se aproximou o mais
possivel do logar do sinistro e cu-
ja tripulação se esforçava por lan-
çar mão de alguns d'esses nau-
fragos, que ora nadavam sem des-
canço, as forças quasi exhaustas,
ora se agarravam desesperada-
mente a pedaços de remos que
boiavam dispersos.

Na areia, e n'uma pequena ele-
vação, junto da beira-mar, o ti-
arraes Manoel, livido, mas corajoso
com uma vara enorme, na ponta
da qual estava preza uma bandeira
de cortiça, fazia repetidos si-
gnaes para os outros barcos que,
ainda para além do banco, se con-

dos mallogrados filhos,—é prova-
vel também se apiedassem d'al-
guma aureola, que n'elles *recen-
desse*.

Estes maus versos, alguns er-
rados, sem poesia, onde a maior
dôr humana não nos commove,
envolvida em idéas pedantescas,
em frases a esmo, fãrão suspear
a quem não conhecer o auctor da
Visão dos Tempos, que está lendo
um poeta instruido, mas já em
demencia.

Lourenço d'Almeida e Madeiros.

NOTICIARIO

Festa em Cortegaça

No dia primeiro de Julho cele-
bra-se n'esta freguezia uma lu-
zente festividade em honra do Sa-
grado Coração de Jesus, precedi-
da de triduo e da commovente e
tocante solemnidade da primeira
communhão. Tanto as practicas
do triduo como os sermões, da fes-
ta serão feitos, pelo distincto ora-
dor sagrado, Rev.^{mo} Sr. P.^o Mou-
ra, dô Porto. No dia trinta de ju-
nho fará a sua entrada soemne
n'esta egreja Sua Ex.^a Rev.^{ma}, o
Sr. D. Antonio Barrôzo, que gen-
tilmente accedeu aos rogos d'uma
commissão que lhe pediu para
deixar para esta occasião a visita
pastoral a esta freguezia, afim de
mais abrihantar esta solemnida-
de com a sua tão distincta e hon-
rozta assistencia e poderem os ar-
tistas d'esta freguezia, que traba-
lham fóra d'aqui durante a sema-
na, e que são em grande numero,
aproveitarem-se da recepção do
Sacramento da Confirmação, que
na tarde d'esse dia será conferido
por Sua Ex.^a Rev.^{ma}. Na vespera
haverá uma elegante illuminação
e vistoso fôgo, e tres bandas de
musica farão ouvir no espaçoso e
bem ornamentado arraial as mel-
hores peças do seu repertorio. A
festa religiosa será precedida de
communhão geral e constará de
missa solemne a grande instru-
mental, sermão á missa e de tar-
de, exposição do SS. Sacramento
todo o dia, ladainha, e terminará
por uma magestosa procissão, que
será presidida pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo}
Sr. Bispo. Toda esta freguezia
aguarda com anciedade a visita
do seu tão bondoso Prelado para
lhe manifestar o muito carinhoso
e subido affecto que lhe consagra

AUTOPSIA

No dia 18 do corrente appare-
ceu morta n'um tanque d'agua, no
logar da Torre, freguezia d'Esmo-
riz, d'esta comarca, uma creança
sexo masculino, de cerca de dois
annos d'idade filha de Arthur Al-
berto, do referido logar da Torre.

O facto foi participado á com-
petente auctoridade administrati-
va que a seu turno o participou
ao poder judicial, que ordenou-lhe
fosse feita a autopsia, a qual se
effectuou.

Attribue-se a desastre o triste
acontecimento.

servavam parados, de remos na
agua.

Ninguém, a não ser a classe
piscatoria, comprehendia aquelles
signaes, que eram d'uma precisão
e segurança admiraveis, não obs-
tante a sua simplicidade.

No entretanto, o barco que ti-
nha ido em socorro dos naufra-
gos, demandava a terra.

Todo o povo accorreu em mas-
sa e pressuroso para o ponto em
que elle devia arribar.

Que momentos de anciedade,
de impaciencia e de dolorosa an-
gustia! Pareceu que por um ins-
tante se suffocaram todos os la-
mentos e todas as lagrimas se es-
tancaram. O barco tocou emfim,
em terra, não sem alguma difficul-
dade, e depois de lhe serem lan-
çados os cabos de segurança, prin-
cipiou o desembarque, ao qual o

AFERIÇÃO

Avisamos os nossos Ex.^{ms} lei-
tores de que finda, no dia 30 do
corrente, o praso para aferição de
pesos e medidas.

S. JOÃO

Realisa-se hoje, no aprazivel
logar de S. João, a festa do Santo
Percursor, havendo de manhã
missa solemne sermão procissão,
e de tarde arraial.

Abrihanta esta festa a «Ban-
da dos Bombeiros voluntarios»
d'esta villa

A capella acha-se primorosa-
mente ornamentada.

Sr.^a DO PARTO

Nos dias 30 do corrente e 1 de
Julho proximo realizar-se-ha a
festa a N. S.^a do Parto, n'esta vil-
la, constando de illuminação e
musica na vespera, e no dia de
missa solemne, sermão o procis-
são e de tarde arraial

Tomam parte n'esta festivid-
ade as phylarmonicas «Ovarense»
e dos «Bombeiros voluntarios»
desta villa.

GRALHAS

Perguntou-me um qualque, que em tudo pensa
O que quer dizer gralhas, n'uma imprensa,
E a resposta ahí vai; vejam se calha
A seria explicação que dou da gralha;
E' gralha onde o auctor, diz—comeu um pão,
O typographo pôr—comeu um cão.
E' gralha do typographo patife
Dizer eu comi bofe em vez de beef.
E' gralha onde o auctor escreveu—curso,
Um erro typographico pôr—urso.
E' gralha quando alguém escreveu graso,
Engulirem gr e ficar asno.
E' gralha do typographo casmirro
Mudar loiça de barro em dita burro.
E' gralha, se em logar de escrever—pôde,
A imprensa optira o que fica—bode.
E' gralha onde o papel dizia solas
Alborcar a palavra para bolos.
E' gralha se o auctor poz—para uso,
Apparecer depois um—parafuso.
E' gralha (que com ella eu nunca esbarrei),
Em logar de pôr—erre, pôr um arre.
E' gralha levadinha do diabo,
Onde se lia rabo pôr um nabo.
E' gralha, e mesmo gralha muito grossa,
Em logar d'uma peça encontrar péça,
E' gralha que arrepia á gente o pélo,
Um Camillo trocar em camello.
Finalmente, ha mil gralhas que não conto,
Porque quero acabar isto de prompto,
E com que o revisor, anda o mais alto,
Porque vezes vê baldado o seu trabalho!

J. J. d'ARAÚJO.

Uma aventura A' Americana

Da mexicana cidade de Jeme-
nez, contam a extranha aventura
d'um americano, de nome J. F.
Larcy, mecanico do Mexican-Cen-
tral Railroad.

Na tarde de quinta-feira ulti-
ma, Larcy assistiu a um baile
n'aquella cidade. A certo momen-
to entre elle e um mexicano tra-
vou-se contenda, ateadada pelo ciu-
me.

Durante o combate o america-

ti'arraes Manoel veio também as-
sistir.

Os pescadores vinham pallidos
e chorosos e, á maneira que salta-
vam para terra, immediatamente
se sentiam prezos pelos braços
dos seus entes mais queridos, que
agora riam e choravam ao mesmo
tempo, n'uma forte convulsão de
intensa alegria, sem saber o que
fazer, sem saber o que dizer.

Poucos faltavam, porém, para
sahir, e esses, a um leve aceno
do arraes da ré, curvaram-se para
pegar em alguma coisa que vinha
no fundo do barco. D'ahi a instan-
tes, viu-se um cadaver.

—Lá ficaram sete, n'esse mar
de Christo—bradou o arraes do
barco—e esse que ahí vem é o
Antonio d'Aleixa.

(Continua)

FOLHETIM

ELEGIA MARITIMA

(Scenas da beira-mar)

(Continuação)

Na praia, agora, as lamenta-
ções e os gritos eram incessantes.
Havia mães que, loucas de dôr,
os cabellos em desalinho e as
mãos crispadas, chamavam des-
esperadamente pelos seus filhos,
por esses pedaços d'alma que as
ondas traçoceiras lhes queriam
roubar.

Havia esposas dedicadas que,
lavadas em pranto, increpavam o
mar, como se elle as ouvisse e

comprehendesse, tornando-o res-
ponsavel pela viuvez em que fica-
vam.

E fazendo côro com estas po-
bres martyres da Dôr, havia fi-
lhos, irmãos, parentes, amigos e
companheiros de trabalho dos in-
felizes naufragos, que d'alma
alanceada pela mais profunda
amargura vertiam pungentissi-
mas lagrimas e imploraram do
céo a misericordia divina.

E o mar, o impiedoso mar,
esse colosso-mysterio que umas
vezes, inoffensivo, parece segredar
endeixas de amor e beijar, os pés
dos namorados que lhe vão aspi-
rar as brisas e outras como a
féra perseguida no seu covil, pre-
tende transpôr os limites que a
Natureza lhe impôz, raivoso, es-
pumante, traçoceiro e sequioso de
victimas como o mais sanguina-

no matou o antagonista e imediatamente fugiu para salvar a vida, receiando ser lynchado.

Afim de evitar a perseguição das autoridades Larcy subiu para um comboio expresso e conseguiu tomar logar na machina, enquanto a policia o procurava nos wagons. Rapidamente desligou a locomotiva das carruagens e, de revolver em punho, obrigou o machinista a partir rapidamente. A locomotiva abalou, percorrendo com uma espantosa velocidade toda a distancia entre Jimenez e a fronteira dos Estados Unidos, ou sejam 592 kilometros.

A machina somente parou uma unica vez para tomar agua e cobriu os 222 kilometros entre Jimenez e Chihuahua, em 2 horas e 27 minutos.

Os empregados do caminho de ferro, temendo um desastre, se acaso tentassem deter rapidamente a locomotiva, desembarçaram a linha de todos os obstaculos.

Chegados á fronteira, Larcy fugiu depois de ter abandonado a machina nas montanhas fronteiras dos Estados Unidos.

O machinista fugiu com Larcy, temeroso certamente da vingança dos mexicanos.

Edital curioso

Um jornal brasileiro publicou o seguinte curioso edital, que o fiscal Alonso de Noronha Pires Franco mandou em 1855 affixar na villa de Catimbão.

«Alonso de Noronha Pires Franco, fiscal aprovado pela camara d'esta villa: Faço saber aos povos desta minha vara que no dia 4 sairei em triumpho de correição, aferindo os pesos de todos, bem como as varas respectivas.

1.º Ficam prohibidos todos os regos. Aquelle que não tapar os que tiver, bem como todos os buracos, será multado com 20\$000 réis.

2.º Nenhum animal da ordem das cabras poderá roer na visinhanza.

3.º Todo qualquer que tiver seu bicho que traga bem seguro, se andar solto multa de 60\$000 réis.

4.º Nenhum negociante ou taberneiro, ainda mesmo coronel da G. N., poderá vender farinha em culhas, que é ladroeira, multa de 20\$000.

5.º Sem bilhete tarde da noite é ladrão. Multa no senhor 5\$000.

6.º Portuguez de braço dado com negra captiva, noite é fabrica de mulatos malcreados, cadeia nos dois um em cada xadrez por causa das duvidas).

FOLHETIM

Contos d'Aldeia

O gallo preto

(A João de Deus)

O mestre, que tinha sido um valente cabo de milicianos, era um velhote rabujo, de pellos nas orelhas, e que pouco mais sabia do que os alumnos, que ensinava.

Um dia perguntei-lhe eu: —Diga-me cá, snr. Joaquim, que methodo adopta?

—Que methodo?!—exclamou elle, estranhando a pergunta. E depois, levantando as sobrancelhas, e com as sobrancelhas e os olhos, fitou-me desconfiado, e respondeu com ar solemne:

—Adopto o methodo do Achilles (do *Axiles*, foi como elle disse). Mas, a despeito de tudo isto, era um tyranno, como o são quasi todos os ignoraes.

7.º Todo o individuo de raça canina sem a coleira—bola melvalha. Ainda mesmo que seja desses de cabellino branco amarello.

8.º E' prohibida a venda de leite com agua ou agua com leite, por que prejudica o negocio da minha dona. Quebrarei a culha do vendilhão.

9.º Boi ou vacca deitada na rua sem lanterna nos chifres, de modo que os andantes o vejam bem de longe, multa de 5\$000.

10.º Cantadores de modinhas desafinadas tarde da noite na porta das caçoilas, cadeia até de manhã, porque não quero esses desaforos cá pelos meus districtos.

11.º Ninguém poderá andar armado com armação alguma, nem de pau na mão de noite, que é perigoso, multa de 4\$000.

12.º Negra ou mulata que andar na rua de noite toda requebando—cabeça rapada e uma duzia de bolos, para evitar o desaforo de certos velhos que andam de rixa com as mulheres.

13.º Toda a controversão omitida n'esta postura será resolvida pelo meu entendimento.

E para constar e não dizerem depois que não sabiam, mando pregar este na porta, e na frente do boticario, logar onde se fala da vida alheia O fiscal geral, *Alonso de Pires Branco*.

PALESTRA

Tarde calmosa a de domingo!

O diaphano azul do ceu, a atmosphaera quente e asphixiadora sem uma brisa fresca que suavissasse, o alarido da multidão pelas ruas, tudo convidava o nobre tripeiro ao alegre passeio e a banhar os pulmões de ar puro e oxigenado debaixo dos verdes ramos das copadas arvores dos nossos formosos jardins.

Sahi de casa. Transpunha já o sol os pontos mais culminantes da Invicta, caminhando para o occaso e tingindo o horizonte duma larga franja d'ouro, semelhando um pavoroso incendio.

Cheguei a S. Lazaro. Senteime. O meu pensamento em marcha triumphal percorria toda a gamma dos sentimentos sem eu o poder constringer, obrigando-o a pensar em determinadas coisas. No momento em que eu fixava extasiado aquelle ponto luminoso do longinquo horizonte o meu pensamento parou obstinado nesta meditação extranha: O que seria o mundo sem aquelle foco intenso, fonte de luz e calor? E como o grandioso astro está para o mundo como a instrucção está para a humanidade, o meu pensa-

A aula como já disse, ficava ao rez do chão. A luz entrava por duas frestas, que ficavam acima dois palmos da cabeça de um homem; porque assim era preciso—explicava o mestre—para que os rapaziños se não distrahissem, a olhar para fóra. Ao fundo da sala ficava uma mesa de pinho e uma cadeira, que era o logar do mestre. Depois seguiam-se bancadas de pau, collocadas como uma platéa, duas a duas, deixando ao meio um intervallo, por onde entravam os alumnos; e, quando todos tinham entrado, por onde passeiava gravemente o professor, com o livro n'uma das mãos, e na outra um junco.

Os pequenos, assim que se aproximavam da aula, impallideciam.

E antes de entrarem, quem ali passasse, via-os muitas vezes ainda a repetirem a lição, trémulos, enfiados e com a mesma coragem de quem tem de subir a uma forca!

O Gabriel era ainda um pequeno note de sete annos. Morava ao pé do abbade. E o abbade, que era um santo velhinho, é quem muitas vezes lhe ensinava a lição. Por isso, e como o pequeno era

mento num ardôr de phantasia meditou tambem: e o que seria a humanidade sem a instrucção? Alterrou-se-me o espirito e contristou-se-me o coração! Continuava o meu pensamento nesta triste concentração de espirito, parecendo ver a humanidade envolvida no mais denso e escuro veio de ignorancia, negro phantasma, que tanto enlucta e envergonha perante as nações cultas a nossa querida patria, onde o sol que irradiada instrucção parece estar ainda a nascer, quando senti no hombro pousar uma mão amiga. Volteime.

—Olá! meu caro Severo, então por aqui, pelo jardim!... Sempre foste um espirito curioso e avido de sensações eneditas. Contemplas essas deusas, soberanas da nossa sociedade, que por aqui passeiam fazendo roçar pelo solo as suas gritantes sedas e fascinando pelos seus peitinhos avelludados onde poissam graciosamente borloques d'ouro.

—Enganas-te, amigo Frederico, um professor não pode viver de illusões. Estou por aqui re-creando o espirito e renovando forças para o trabalho.

—Pareces ter assim um aspecto de melancholia. Isso que é, Severo? Médico ao Franco?

—Nunca fui medroso, e demais elle não nos toca pela pelle. O ajuste de contas, é só com o nosso director geral.

—E' verdade. Leste o decreto do inquerito á Direcção Geral?

—Li. Relacionando-se este facto com os antecedentes, o adiamento da festa escolar, a suspensão do congresso, vê-se perfeitamente que é o rancôr que move todas estas partidas ao Director Geral. Eu acho aquillo improprio dum homem na posição do Franco.

Correspondencias

Esmoriz, 20 de Junho

Os povos destas cercanias não se importaram com as noticias aterradoras que do Porto e Gaya lhe enviaram com a intenção de os afastar da ida á Peregrinação no Monte da Virgem em Oliveira do Douro e lá foram no passado domingo em grande numero. Tambem lá fomos e declaramos que ficamos encantados com o enorme e soberbo panorama que se desfructa do alto do tal monte. Ficamos boqueabertos deante de tão grandioso e imponente espectáculo.

Depois... que quantidade enor-

esperto—ui! diziam os conhecidos, o Gabriel? esperto como um alho! —era o Gabriel que quasi sempre ensinava a lição aos outros.

—Como se é esta palavra, Gabriel? dizes-me?—pedia-lhe de uma vez o João do moleiro.

—Soletra lá.

E principiou o outro:

—P-h-i, pi.

—Qual pi! Tambem eu cuidava!

P h-i, fi emendou o Gabriel,

—Fi!—exclamou o João, —Fi!

Pêta! Tu enganas-me, Gabriel.

—Não engano, João; lê fi, que foi como me ensinou o sr. abbade.

N'isto, chegou á porta da aula o mestre.

Vinha a paitar-se, e com a face e orelha direita mais vermelhas, porque tinha dormido á sés-ta.

Chegou á porta e gritou:

—Canzuada, salta para dentro!

E lá entram todos de chapuzinho na mão, cheios de medo, como um rebanho de ovelhas a entrar para um matadouro.

Assim que o mestre tirou o livro da gaveta, em seguida a palmatoria, e depois o lenço escarlete, de chita, fez-se um silencio lugubre na sala.

—Lê tu, João—principiou elle.

me de gente por aquella encosta abaixo e pelas ruas d'aquella freguezia! Não demos por mal empregado o tempo e o gasto que fizemos, lá isso não.

O comboio dos peregrinos que partiu d'ahi d'Ovar acabou de encher-se aqui e em Espinho e muita gente deixou de ir nelle por falta de logares.

—Falla-se por aqui vagamente na organização duma peregrinação d'aqui para a Capella do mar onde se venera a imagem da Sr.ª da BoaViajem. Apoiamos a ideia porque trazia aqui muita gente de fóra e era um passeio agradável...

—Morreu hontem afogada num tanque uma criancinha de tres annos.

—Estão paradas as obras da estrada para o mar desde a subida ao poder do partido regenerador. Este facto tem desgostado immenso os esmorisienses que nem na sua conclusão daquella estrada o engrandecimento e prosperidade da sua costa. Pedimos providencias a quem poder dal-as.

—A nossa Associação de Socorros mutuos vae mandar construir uma casa propria para a sua secretaria e sala de reuniões. O terreno para ella foi-lhe generosamente offerecido pelo nosso amigo e snr. Antonio Pinto Ferreira de Souza, importante negociante desta freguezia.

—Os campos estão lindissimos porque a quadra lhe tem corrido favoravel.

—Na nossa Costa e na de Cortegaça tem trabalhado uma companhia de pesca, propriedades do sr. Rolas de Cortegaça. N'alguns dias tem tirado bastante sardinha.

—Brevemente deve realizar-se na Barrinha uma pescaria a que assistirá um grande numero de pessoas d'aqui.

Se nos convidarem, lá iremos e fallaremos.

ARREMATAÇÃO

(2.ª publicação)

No domingo 15 de julho proximo, pelas 11 horas da manhã, a porta do tribunal judicial d'está comarca, sito na Praça d'Ovar, e na execução hypothecaria que Manoel Pereira Ferreira, casado, negociante, do logar da Seara, freguezia d'Esmoriz, move contra Antonio Ferreira Marcellino e mulher Maria da Conceição Gonçalves Dias, lavradores, do logar do Paço, da mesma freguezia, hade ser posto em praça para ser arrematado por preço superior ao da respectiva avaliação o predio seguinte: Um predio de casas ter-

O João do moleiro foi lendo, mas cada vez que se ia aproximando da terrivel palavra, ia-lhe faltando o animo.

Dizer que P-h-i, diz fi, temeridade! Emfim continuou irremediavelmente:

E como a sciencia chama...

chama...

E ergueu suplicante os olhos para o verdugo.

O mestre tossiu para se dar ao respeito, e bradou:

—Lê para bai-xo me-ni-no—

accentuando as syllabas com um sorriso ameaçador.

—Chamada—continuou o pequeno indeciso—chamada... e terminou em tom mais baixo, com a incerteza de quem não sabe o que diz—*Philosophia*

Como?—bradou o mestre, descarregando-lhe com o junco pelas orelhas.—Como?

O pequeno fechou os olhos, encolheu os hombros, e emendou a chorar:

—Pi-lo-so-pi-a.

O professor descarregou segunda juncada, e berrou:

—*Pilosófia*, burro, *pilosófia*!

—*Pilosófia*,—repetiu o pequeno.

(Continua)

reas com cortinha de terra lavrada e mais pertenças, isto no logar do Paço, freguezia d'Esmoriz, avaliados em—550\$000 rs. Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos. Ovar, 8 de junho de 1906.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Lobo Castello Branco.

O Escrivão,

Angelo Zagallo de Lima.

EDITAL

José Ferreira Marcellino, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, administrador do concelho d'Ovar, etc.

Faço saber que, durante o prazo de 15 dias a contar da data do presente edital, estará patente ao publico na administração d'este concelho, uma relação dos devedores das contribuições á Fazenda Nacional, que vão ser relaxados e executados se não satisfizerem as respectivas importancias dentro de cinco dias, depois de findo aquelle prazo, como determina o § 1.º do artigo 14 do Regulamento das execuções fiscaes administrativas, aprovado por Decreto de 28 de Março de 1895, sendo por este meio e para tal fim prevenidos todos os individuos que n'isso interesse tenham.

Para contar se passou o presente e outros de equal theor, afim de serem affixados nos logares do estylo.

Administração do concelho d'Ovar, 18 de junho de 1906. Eu, Manuel Gomes dos Santos Regueira, amanuense, que o escrevi no impedimento do secretario respectivo.

José Ferreira Marcellino.

AGRADECIMENTO

O abaixo assignado, dolorosamente surprehendido pela noticia do fallecimento da sua idolatrada mãe Rosa de Souza Villa, vem conpungido, de tão distantes plagas, por este meio, significar o quanto de agradecimento sente em seu coração de filho amoroso a todas as psssoas que prestaram á sua veneranda mãe as ultimas homenagens, acompanhando seu fe-retro ao corpo santo.

Pará, 8 de Junho 1906.

Francisco Fernandes de Souza Villas

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª Publicação)

Na comarca d'Ovar e pelo cartorio do escrivão Freire de Liz, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando os interessados Albino da Silva Mattos, e Antonio da Silva Mattos, casados, auzentes nos Estados Unidos do Brazil, em parte incerta, para assistirem a todos os termos, até final, do inventario orphanologico por obito de seu pae José de Mattos, viuvo morador, que foi, no logar do Seixo de Cima, freguesia de Vallega, sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 18 de Junho de 1906.

Verifiquei.

O Juiz de Direito
Lobo Castello Branco

O Escrivão,

Antonio Augusto Freire de Liz

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONCALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO

EXTRACTO DO CATALOGO
DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE
ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

Almanak do Velho Astrologo Saragoçano	60
Almanak Imperador dos Seringadores	60
Almanak Propheta da Europa	40
Cancioneiro popular das festas do Menino de Deus, ou Repositorio completo de todas as cantigas de boas-festas do Natal, Janeiras e Santos Reis.	60
Novas cantorias cantadas ao desafio entre Manoel e Maria.	60
Orações de Nossa Senhora do Monserrate, do Justo Juiz de Nazareth e das Cinco Chagas. Cada uma	40
Ramalhete de cantigas populares portuguezas (n.º 1)	60
Reportorio do importante Saragoçano, pelo astrologo trasmontano	20
Reportorio do verdadeiro Borda Leça, pelo mesmo	20
Reportorios do verdadeiro Borda d'Agua (chapéo, carapuça estreita e carapuça larga). Cada um	20
Testamentos de diversos animaes (16 n.ºs). Cada um	40
Collecção completa: 1 vol. de 256 paginas, brochado	120
Verdadeira arte de cada pessoa conhecer a sua signa	20

Fazem-se grandes descontos aos snrs. revendedores.

ESTAÇÃO CALMOSA

Vou fazer qualquer chibante,
(Sem lá 'star com mais aquella)
Conhecer já, n'um instante,
Do Luzio a clientella.

A medir a toda a hora,
E o Chico por outro lado,
Votaram a semana fóra
Sem parar um só bocado.

Pois julguei na sexta-feira,
D'o povinho tão macaco,
Ter levado atraz da perna
Do Luzio a tal taberna,
Lá p'ra matta do Bussaco! . .

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃOS

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinhas, revolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

BAZAR DOS CAÇADORES

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.